

Entrevista com



Fulvia Zega

Università degli Studi di Genova &
Istituzioni dei paesi in língua
spagnola, Universidade Ca' Foscari
de Venezia



Tatiana Poggi

Instituto de História
Universidade Federal Fluminense

Provocadoras: Bárbara Aragon (PPGH/UFF) &
Milene Moraes de Figueiredo (PPGH/PUC-RS)

Em sua 33ª edição, a Revista Cantareira entrevista duas professoras: Fulvia Zega e Tatiana Silva Poggi de Figueiredo. O fascismo como experiência histórica dentro de toda sua dimensão ainda suscita muitas discussões acerca do conceito e de sua utilização na historiografia desde o século XX. Dessa forma, o objetivo da entrevista é propor um debate internacional entre duas pesquisadoras que trabalham com a temática e que, por estudarem períodos e locais diferentes, contribuirão com uma riqueza teórica para este debate ainda tão necessário. Fulvia Zega é professora de História da América Latina na *Università degli Studi di Genova*, além de professora adjunta de *Istituzioni dei paesi in língua spagnola* na Universidade *Ca' Foscari* de Veneza. A professora italiana possui doutorado em Estudos Americanos pela *Università degli Studi di Roma Tre* (2009) sobre o tema “Fascismo e italianos em São Paulo” e atualmente trabalha com os seguintes temas: Totalitarismo, Autoritarismo, Nazismo, Fascismo, Estado Novo, Democracia, Violência Política, Antissemitismo e Cultura e Poder. Já a pesquisadora brasileira Tatiana Poggi, radicada no Brasil e professora de História Contemporânea da Universidade Federal Fluminense, teve como tese de doutorado “FACES DO

Extremo: uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América 1970-2010” Além disso, tem experiência em temas como História do Tempo Presente, História dos EUA e da Europa; Movimentos Conservadores; Fascismo/Neofascismo; Neoliberalismo e Relações Internacionais. Dessa forma, a entrevista será estruturada de maneira que haja perguntas direcionadas diretamente às pesquisas das entrevistadas, além de questões mais amplas acerca do tema do nosso dossiê.

Boa Leitura!

1. Revista Cantareira [RC]: Professoras Tatiana e Fulvia, primeiramente gostaríamos de agradecer por responderem as perguntas dessa entrevista. É uma alegria para nós poder contar com as suas contribuições. Gostaríamos de pedir que nesse primeiro momento, vocês contassem brevemente suas trajetórias acadêmicas e como se aproximaram da temática do fascismo. Além disso, que tipo de produção teórica tem embasado suas últimas produções e quais têm sido seus principais desafios ao trabalhar com essa temática?

Tatiana [T]: Eu sou professora de História Contemporânea, área na qual venho concentrando meus estudos desde a graduação. A vida me aproximou da temática do fascismo por ter nascido no seio de uma família fascista e ter crescido ouvindo coisas que me causavam estranheza, incômodo e medo.

Academicamente, trabalho com fascismo desde a graduação. Minha monografia foi sobre resistências em campos de extermínio. Fiz uma investigação sobre as formas de sociabilidade em resistência nos campos de Auschwitz, Treblinka e Sobibor. No mestrado e doutorado passei a investigar o fenômeno do fascismo contemporâneo ou neofascismo, analisando mais de perto o caso dos EUA. Procurei investigar como o fascismo se construiu nos EUA, suas particularidades, sua derrota no entreguerras frente a proposta reformista do Partido Democrata, e, finalmente seu fortalecimento com a crise do reformismo e ascensão do neoliberalismo. Mais recentemente ampliei um pouco o foco da pesquisa para a violência motivada pelo ódio na Europa e nos EUA, que abarca fascismo, mas também outras formas de violência política organizada como o segregacionismo, o fundamentalismo religioso, o movimento patriótico etc. O cerne das minhas pesquisas recentes, então, passa pela análise do crescimento do fascismo no seio de democracias neoliberais, como o ódio encontra espaço nas democracias contemporâneas.

O debate sobre o fascismo é muito vasto, mas se pudesse recuperar aqui alguns trabalhos que mais me tocaram sobre a temática e me ajudar a desenvolver as discussões trazidas nos meus trabalhos, poderia começar por alguns escritos de época, interpretações produzidas em meio ao desenrolar do fenômeno como: “Fascismo e Grande Capital” de Daniel

Guerin, os escritos pré-carcerários de Gramsci, o relatório “A luta contra o fascismo” de Clara Zetkin para a Internacional Comunista em 1923, e “LTI: a linguagem do terceiro Reich” de Victor Klemperer. Mais para frente, gosto bastante das contribuições do filósofo grego Nicos Poulantzas “Fascismo e Ditadura”, da Trilogia do Terceiro Reich do historiador britânico Richard Evans e das recentes críticas ao revisionismo liberal trazidas por Enzo Traverso em “A histórica como campo de batalha”.

Sobre a questão da democracia, contradições e limites do neoliberalismo tenho me pautado bastante no debate levantado já em meados dos anos 1990 por Ellen Wood em “Democracia contra capitalismo” e continuado por Domenico Losurdo em “Democracia ou bonapartismo”, Jacques Rancière em “Ódio à democracia” e Maria Lúcia Duriguetto em “Sociedade Civil e Democracia”, além de alguns teóricos da comunicação como Robert McChesney em “Rich media, poor democracy”.

Para além desses temas centrais, me dedico bastante às discussões de cunho teórico, tendo em vista a fragilidade dessas discussões nos cursos de história e a defasagem teórico-metodológica observada entre os estudantes. Nesse campo, venho desenvolvendo discussões teóricas sobre os conceitos de capitalismo e imperialismo, liberalismo e neoliberalismo, conservadorismo, a democracia burguesa, teorias do Estado e, claro, o conceito de fascismo.

Fulvia [F]: Primariamente gostaria agradecer o convite. Falar da temática do fascismo é, para mim, falar da quase totalidade da minha trajetória de pesquisadora e de boa parte da minha vida privada. Nasci em uma família que sempre defendeu os valores da Resistência italiana contra o fascismo de Mussolini, com os meus avós maternos que participaram da luta que consentiu a libertação da ditadura em 1945. Já durante os anos da minha formação em História na universidade de Genova, quando tomei a decisão de me especializar em História da América Latina, resolvi focar a minha pesquisa nos anos entre as duas guerras mundiais e, por isso, na ascensão dos nazifascismos na Europa e dos autoritarismos na Argentina e no Brasil. A ideia era de concentrar a atenção por um lado em uma circularidade de indivíduos e, obviamente, de ideologias entre Velho e Novo Mundo e por outro em uma tendência de vários países, tanto na Europa quanto na América, de abandonar o regime democrático em favor de formas políticas autoritárias marcadas pelo cesarismo, pela exasperação do controle sobre a sociedade, pelo racismo e pela violência. Apesar de ter privilegiado um olhar latino-americano, acho que não seria possível abordar a política no período 1920-1945 sem problematizar a questão do fascismo, ou seria melhor dizer dos fascismos. Essa é uma instância imposta tanto pela historiografia, quanto pela mesma trama presente na documentação da época. Como direi na próxima resposta o desafio maior no meu caso específico é tentar mover-se entre aquilo que definiria um jogo contínuo, começado já nos anos Trinta, de encontrar similitudes e diferenças entre os regimes Europeus e os Latino Americanos na tentativa, partindo desse pressuposto, de dar uma definição

de fenômenos que na minha ideia são peculiares da área latino-americana. Isso, infelizmente, denota um olhar eurocêntrico que, todavia, foi atuado seja por europeus seja por americanos.

2. [RC]: Como vocês veem a discussão a respeito do fascismo dentro do campo historiográfico? Gostaríamos de pedir que a professora Tatiana disserte sobre o campo historiográfico dos Estados Unidos e que a professora Fulvia aborde as discussões dentro do campo historiográfico da América Latina. Vocês percebem mudanças na historiografia desde que iniciaram seus estudos na temática?

Tatiana [T]: Vejo a discussão sobre o fascismo particularmente intensa no que concerne às suas expressões europeias do entreguerras. O fascismo histórico, esse sim é larga e intensamente discutido. Um tema clássico tal qual a Revolução Francesa ou a Revolução Russa, com variantes teóricas de interpretação riquíssimas. Já as expressões contemporâneas de fascismo nem tanto. Primeiramente porque o grande debate ainda hoje é se podemos definir determinadas expressões contemporâneas de conservadorismo como fascismo. Alguns autores sequer acham válida a utilização do conceito para situações atuais, preferindo outros conceitos como extrema-direita, supremacismo branco, nacionalismo branco ou ainda populismo de direita.

No caso da academia norte-americana, há uma pobreza histórica sobre discussões teóricas e conceituais, algo já observado com extrema preocupação pelo sociólogo C. Wright Mills nos anos 1950. A preferência pela adoção generalizada do binômio “liberal/conservative” desestimulou a incursão dos intelectuais no âmbito da teoria política e da economia política, vista como um preocupação tipicamente europeia, pouco afinada com o pragmatismo norte americano. Assim, justamente por conhecerem muito pouco sobre conceitos, sua historicidade e o desenrolar do debate, acabam produzindo trabalhos com viés mais empírico.

Como o fascismo não teve muito sucesso nos EUA do entreguerras, são escassas as obras sobre esse fenômeno até os anos 50 e mesmo assim demorou ainda mais uns 30 anos pra que esse tema fosse estudado com seriedade e surgisse bibliografia pautando esse debate. O que se tinha no máximo eram obras sobre a Ku Klux Klan, que à época de sua fundação, ainda no XIX, e seu renascimento em 1915 não poderia efetivamente ser caracterizada como fascista, tendo em vista não ser um fenômeno excitador das massas, nem prezar pela eliminação ou exclusão total dos negros. Como sabemos, a existência ainda que rebaixada dos negros é fundamental para dar sentido a um ideal de sociedade segregada, objetivo nostálgico e aristocrático, portanto, da Ku Klux Klan. Pra se ter uma ideia, o único livro que eu conheço sobre o American Nazi Party, fundado em 1949, foi publicado agora em 2013. “For race and nation: George Lincoln Rockwell and the American Nazi Party” de William Schmaltz. Boa parte da investigação até 1990 tinha de ser feita pelas fontes primárias, com os materiais produzidos pela

próprias organizações ou pelos relatórios dos FBI, que monitoravam grupos fascistas, entendidos como perigo de terrorismo doméstico desde os confrontos pelos direitos civis.

Uma das primeiras obras a se dedicar a abordar a extrema-direita foi a compilação de um seminário organizado por Daniel Bell e outros sociólogos liberais de renome como Talcott Parsons, Seymour Martin Lipset, Nathan Glazer e o historiador Richard Hofstadter. A discussão do seminário seria publicada em 1955 com o nome "The radical right: the new American right" e republicada em 1963 em uma versão expandida. Note que a obra não se dedicava especificamente ao fascismo, mas ao extremismo de direita, com foco mais direcionado para coletivos como a John Birch Society e o seguidores do padre Charles Coughling. Ainda assim, essa foi uma das primeiras obras a levar o radicalismo conservador à sério, abrindo caminho para essa discussão nos EUA.

A emergência de diversos coletivos neofascistas a partir de meados dos anos 1970 e o acirramento dos conflitos sociais suscitados pelo movimento em prol dos direitos civis estimulou estudos sobre o assunto, ainda que o conceito de fascismo mesmo seja pouco aplicado para caracterizar o fenômeno. Temos então a publicação de grandes manuais sobre a origem e desenvolvimento da extrema-direita, a direita radical ou populismo de direita, como "Blood in the face" de James Ridgeway (1990), "Roads to dominion" de Sara Diamond (1995), "The White Separatista movement in the United States" de Betty Dobratz e Stephanie Shanks-Meile (1997), "Right-wing populism in America" de Chip Berlet e Matthew Lyons (2000), "White Rage" de Martin Durham (2007) e "Black Sun: aryan cults, esotérico nazism and the politics of identity" de Nicholas Goodrick-Clarke (2003). Recentemente foi publicado um dicionário bastante completo "Moder American Extremism and Domestic Terrorism: an encyclopedia os extremists and extremist groups" Barry Balleck (2018). Vale notar que boa parte da literatura sobre fascismo contemporâneo tanto nos EUA como na Europa vem sendo feita por jornalistas e antropólogos, reforçando o padrão empirista, fundamentalmente baseado em entrevistas, materiais coletados das organizações, mas pouco analíticos quanto às causas do crescimento atual, às relações com as instâncias de poder e com o capitalismo e mesmo quanto às interações entre si, seu potencial internacionalista. Outra característica são os recortes largos de objeto, mesmo em trabalhos com maior profundidade de análise e hipótese mais consistentes, ultrapassando a mera apresentação de um fenômeno. Os objetos consistem em campos largos como o conservadorismo ou o radicalismo ou populismo de direita, reunindo uma quantidade enorme de grupos e uma quantidade infinita de fontes, tornando impossível uma análise mais densa do material quanto mais uma análise teórica do fenômeno. Ficamos com manuais, alguns muito bons, mas poucos trabalhos com densidade analítica teórica e histórica do problema. Poderia citar aqui uma exceção no trabalho de George Michael "Theology of hate: a history of the World Church of the Creator", dedicado a histórica de uma organização específica, que porém de tão

pequena e já extinta não tem representatividade alguma, se comparada a grandes coletivos como National Alliance, Aryan Nations ou National Socialist Movement.

Ainda caminhamos a passos muito lentos na literatura acadêmica sobre fascismo nos EUA, mas temos hoje já alguns trabalhos que se propõe a tratar fascismo como fascismo. Na Europa a rejeição é menor. Os intelectuais europeus tem menos medo dos conceitos e menos medo de construir hipóteses também. Melhor pra eles, rs. Nos EUA isso Aidan caminha lentamente, mas acredito que a eleição de Trump e a emergência da Alt-Right sacudiram o campo e os conceitos começaram ser tirados do baú e revisitados pelos acadêmicos americanos. Foi publicado recentemente nos EUA o livro "Fascism today: what it is and how to end it" de Shane Burley (2017). Já mencionei o livro sobre o American Nazi Party "For race and nation" de William Schmaltz (2013). Há ainda "The color of fascism" de Gerald Horne (2006).

Fulvia [F]: O pesquisador que trabalha com os autoritarismos latino-americanos na época entre as duas guerras mundiais necessita se mover com cuidado na ampla historiografia dedicada a esta temática em relação com o conceito do fascismo. As teorizações que eu acho mais convincentes são aqueles que andam em um sentido de considerar o fascismo como *a modern phenomenon, a political ideology that engaged democracy on its own terms in order to destroy it* (F. Finchelstein, 2010: p. 6), ou seja, como uma forma política universal e, por isso, aplicável a realidades diferentes daquela italiana ou europeia. Essa proposta é fascinante, sobretudo porque permite ultrapassar aquela tendência passada de individualizar similitudes e diferenças na tentativa de justificar uma redução dos movimentos latinos americanos a uma mera imitação dos regimes europeus. Nessa direção foram fundamentais os estudos do Roger Griffin sobre o conceito de *international fascism*, ou seja, o fascismo como "tipo ideal": uma teoria que define os elementos conceptuais do fascismo como fenômeno internacional.

3.[RC] Sabe-se que o fascismo é muitas vezes considerado como algo datado, limitado a uma experiência do século XX, porém o conceito hoje é largamente utilizado em diversas situações. O que vocês podem dizer sobre isso? Seria o fascismo algo particular das experiências do século XX?

Tatiana [T]: Bom aqui há o problema do uso vulgarizado do fascismo, o que é realmente muito sério e inadequado. Vemos isso ocorrer frequentemente na mídia e em movimentos sociais. É bem complicado, pois seu uso fica esvaziado de sentido e é utilizado como instrumento panfletário para atrair massas, causar impacto, até mesmo medo. Tudo de ruim ou que se discorda é caracterizado como fascismo. Vira uma pecha, um xingamento, destrói-se o conceito.

Na academia vejo o contrário, uma relutância em usar o conceito para situações contemporâneas, acredito que por medo talvez de se passar por apelativo ou pelo alinhamento

teórico com matrizes de pensamento que buscam dissociar o fascismo do capitalismo. Nessas tradições, particularmente o liberalismo historicista e empirista, o fascismo seria um fenômeno único e particular a determinadas sociedades, preso ao contexto do pós-guerra, impossível de ser observado em outras circunstâncias. Outros como Edmonde Vermeil e Peter Vierek, imputaram o fascismo à características particulares do desenvolvimento histórico de alguns países (Itália e Alemanha), como unificação política e desenvolvimento tardios do capitalismo, alianças com setores aristocráticos, fragilidade das repúblicas, condições que obviamente não poderiam ser reproduzidas em outros lugares ou tempos. Há ainda correntes do liberalismo que preferem adotar outros conceitos para investigação do fenômeno, como o de totalitarismo, usado por Hannah Arendt e Raymond Aron, ou o de terceira via, igualmente popular durante a Guerra Fria. Hoje muitos autores utilizam o conceito de totalitarismo para caracterizar as expressões atuais de fascismo.

Eu, contudo, utilizo sim o conceito de fascismo para situações contemporâneas e não acho que seja um fenômeno datado e circunscrito à experiência do entreguerras. O fascismo é uma forma de organização e reprodução social do Capital; configura uma saída para uma situação de crise aguda do capitalismo, uma crise de hegemonia em uma sociedade de massas. O fascismo é o capitalismo em barbárie aberta. Ele cria oportunidades de superação da crise e desenvolvimento de formas mais concentradas de capital com a eliminação dos indesejáveis e com imperialismo; guerra pra dentro e pra fora, atacando os diferentes e os divergentes (oposição política), todos vistos como fracos, incapazes, indolentes e improdutivos. Enquanto houver capitalismo e sociedade de massas sempre haverá o perigo do fascismo, ainda que esse assuma roupagens particulares em cada região e temporalidade. O fascismo hoje não é uma reprise do vivido no passado. Os desafios do capitalismo hoje não são os mesmo que no passado.

Fulvia [F]:

Abuso, eu utilizaria esse termo a respeito da denominação fascismo. O abuso, na verdade, não é uma prerrogativa exclusiva da palavra fascismo, mas é um destino comum de muitos conceitos políticos – populismo, comunismo etc. – que no cotidiano são utilizados como uma etiqueta política para atacar os adversários ou, como justamente tive modo de evidenciar com referência ao fascismo. Federico Finchelstein no livro *The Ideological origins of the Dirty War. Fascismo, Populism, and Dictatorship in Twentieth Century Argentina*, mostra que *in Latin America the term has often been used more as an instrument of political criticism than a tool for critical analysis*¹ (Finchelstein, 2014: p. 4). Em minha opinião o fascismo é um fenômeno histórico bem definido na sua época e penso que não tenha sentido nem histórico, nem político falar de um regresso desse último na atualidade. O que não quer dizer que hoje não existam movimentos

¹ Tradução livre das autoras: "na América Latina, o termo tem sido frequentemente usado mais como instrumento de crítica política do que como ferramenta de análise crítica."

antidemocráticos, nacionalistas, xenófobos, violentos – tantos na retórica, quanto na prática –, racistas e com uma constante invocação ao homem forte no comando, mas que essas características não são suficientes para falar de fascismo. Fazer isso é, na minha ideia, cumprir uma banalização perigosa que não permite uma análise exaustiva e que, por consequência, não fornece as ferramentas necessárias e eficazes para contrastá-los.

4. [R.C.] Dado a pergunta anterior, o que vocês pensam sobre a utilização do termo neofascismo? Quais as preocupações os historiadores que trabalham com essa nomenclatura devem ter?

Tatiana [T]: Acho válido o termo. Porém, há de ter muito claro que o fascismo contemporâneo não é uma reencenação da experiência histórica do passado. O prefixo “neo” designa algo novo, ainda que dentro da tradição fascista. Como já havia adiantado na pergunta anterior, os desafios da atualidade não são os mesmos do passado, a crise que vivemos hoje é bem diferente a crise do liberalismo do entreguerras. Hoje o fascismo surge no seio do neoliberalismo e não o confronta totalmente, pelo menos em sua agenda econômica. Nossa crise atual é uma crise estrutural de um paradigma fordista-keynesiano, de experiência intervencionista e que vem apontado como “solução” o desmonte das estruturas sociais, de direitos historicamente conquistados, a restrição da cidadania ao pleito eleitoral, a precarização e o fechamento de horizontes e perspectivas de ascensão social.

É sobre esse desencanto que atua o fascismo contemporâneo, reascendendo ressentimentos, velhos preconceitos incrustados nas estruturas sociais e históricas. Como no passado, o fascismo hoje se alimenta do desespero, é uma política do medo e que fomenta mais medo. Mas o medo hoje é diferente do passado, as condições são outras, as formas de construção política também. Nós não temos um pós-guerra, território destruído. Temos uma crise política, uma crise de legitimidade, mas esta não carrega o fardo da vergonha da derrota, nem da incapacidade da reconstrução de uma terra arrasada. Nossa crise política e econômica revelam mais os limites do neoliberalismo e falta de uma alternativa articulada capaz organizar os insatisfeitos e excluídos. Hoje temos mais mídias, a política passa por outros meios como o virtual. Hoje temos disseminação em massa de fake news. Uma gama de outros elementos que aprofundam a alienação. Mesmo em países mais prósperos, observamos o crescimento do fascismo alimentado pela onda de xenofobia e reação à chegada em massa de imigrantes e refugiados da periferia. Assim, ainda que crise não se descortine no país em si, ela bate à porta; os países centrais por mais prósperos que sejam não deixam de ser afetados pela crise do Capital em outras regiões, pois o capitalismo hoje é bem mais integrado que no passado.

Fulvia [F]: Pessoalmente não gosto do termo neofascismo, prefiro utilizar o termo extrema-direita. Isso por duas razões: primeiro, ao falar de fascismo, sobretudo na Itália, nos referimos ao fenômeno específico nascido em 1919 e aos movimentos que derivaram deste, como o *Movimento Sociale Italiano* (MSI). Pessoalmente concordo com o historiador Emilio Gentile ao dizer: *è fascista chi si considera erede del fascismo storico, pensa e agisce secondo le idee e i metodi del fascismo storico, milita in organizzazioni che si richiamano al fascismo storico, aspirando a realizzare una concezione fascista dello Stato, non necessariamente identico allo Stato Mussoliano*² (Il Sole 24 Ore, 31 março 2019). Segundo porque ao utilizara locução *extrema direita* nos sublinhamos a forma líquida dessas novas realidades políticas e a grande heterogeneidade das mesmas.

5. [R.C] Abordando um recorte mais geográfico, seria o fascismo uma experiência delimitada somente a Europa e países “desenvolvidos”? Qual seria a visão de vocês acerca dos fascismos e das novas direitas na América Latina?

Tatiana [T]: Ótima questão. Acho que por muito tempo relutou-se, e me incluo nesse meio, em admitir que fascismo poderia se construir em países periféricos, especialmente em países de maioria não-branca. A questão da raça, o arianismo, a tradição europeia ou a origem europeia no caso dos EUA e Canadá sempre foi bastante central na organização desse projeto de sociedade. Até a periferia da Europa como o leste e Rússia era mais fácil de aceitar, já que apesar de eslavos são considerados pelos fascistas atuais como brancos. O fato de serem periféricos acaba pesando menos, mesmo se comparando a experiência histórica original. A Itália não era exatamente um país desenvolvido e mesmo a Alemanha estava bem atrás em nível de desenvolvimento e expansão da Inglaterra, da França e dos EUA, especialmente após a guerra. O leste europeu viu o fascismo crescer após queda dos regimes “comunistas” a abertura ao capitalismo. Aquelas países foram inundados de empresas, se tornando grandes mercados para expansão do capital europeu e norte-americano, o que de início gerou oportunidades de trabalho, mas um trabalho precarizado e agora sem nenhum apoio do Estado no tocante à políticas sociais. Rapidamente esses países caíram em desgraça, com muitas dificuldades econômicas, atolados em dívidas e instabilidade política. Um prato cheio pro fascismo, que mirou nas minorias étnicas ali presentes, ciganos, curdos, refugiados, etc.

Hoje nos deparamos com esse fenômeno nas periferias não brancas como o Brasil, Perú, Chile, Costa Rica, México, Índia e África do Sul. O fascismo nessas localidades é igualmente racista, xenófobo, homofóbico, anticomunista e antifeminista; cria bodes expiatórios e heróis locais, como o nordestino e o cidadão de bem em nosso caso. É gestado a partir de uma crise profunda. É

² Tradução livre das autoras: “São fascistas aqueles que se consideram herdeiros do fascismo histórico, pensam e agem de acordo com as ideias e métodos do fascismo histórico, atuam em organizações que se referem ao fascismo histórico, aspirando a realizar uma concepção fascista do estado, não necessariamente idêntico ao estado mussoliano.”

um fenômeno de massas. Trabalha a espetacularização e ridicularização da política para alcançar o homem simples. Carrega um veio eliminacionista quanto à minorias e oposição política.

O que choca aqui no sul global, especialmente na América Latina e na Índia, é o apoio que consegue construir entre aqueles que objetiva perseguir e excluir, entre aqueles que deliberadamente diminui e inferioriza. A situação dos morenazis, como são chamados os nazistas latino-americanos é tragicômica, sendo inclusive abertamente rechaçados e chamados de macaquitos pelos neonazi alemães. No caso do Brasil, há um misto de patriotismo exaltado e pequenês assumida diante de potências imperialistas. Não há orgulho em ser brasileiro, mas há orgulho em tentar fazer alguma coisa pra “melhorar essa zona toda”. E nisso, Bolsonaro toca em algo profundo da construção do nosso imaginário, a inferiorização do colonizado, aquela síndrome de vira lata, que foi “estragado” pela miscigenação, que invariavelmente o levou ao subdesenvolvimento e esse eterno desejo de se tornar o próprio colonizar. Como isso fosse lhe trazer a aceitação necessária, o status almejado, esconder o sotaque, alisar o cabelo, falar e vestir-se como o amo, enfim transfigurar-se em tudo, colocando a máscara branca a ponto de esquecer-se de si. Pra que lembrar do que não se gosta? Melhor esconder, silenciar, embranquecer de dentro pra fora. Assim explicava Franz Fanon; assim faz Bolsonaro e outros tantos morenazis. Ele joga com o medo, com o desespero alimentando os bodes expiatórios. A culpa é dos nordestinos, dos imigrantes haitianos, dos LGBTQI e das feministas que destroem as famílias, dos ateus que não tem Deus no coração, dos negros que são promíscuos e não trabalham, dos índios que também são indolentes e querem terra de graça, dos comunistas e esquerdistas em geral que criam conflitos, ódios e tensões, cindindo a sociedade. São tantos espantalhos que certamente se encontra um que se adeque ao seu preconceito pessoal, fazendo esquecer o fato que talvez você também esteja sendo ofendido e discriminado. É nisso que ele toca. E tem sucesso porque a esquerda não consegue construir uma alternativa viável, não consegue construir um projeto que fale às massas, que supere seus próprios preconceitos e fissuras. Sem proposta, sem horizonte alternativo, abre-se brecha pro fascismo.

Fulvia [F]: Essa é uma questão complicada que mereceria uma resposta mais ampla, mas devido a razões de brevidade, peço desculpa por ser *tranchant*. Eu não acho que o diferencial entre Europa e América Latina deve ser procurado na dicotomia entre países “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos”, nem na herança histórica que determinou a formação de sociedades e de processos políticos e distintos (e que, porém, gerou o contexto econômico que determinou a pertinência a um universo dos “subdesenvolvidos”). Nesse sentido, ao pensar, por exemplo, no nacionalismo e no peronismo argentino ou no primeiro varguismo brasileiro, não podemos esquecer as repercussões na formação da sociedade contemporânea desses países da herança colonial, das oligarquias, da relação tradicional dos colonizadores com a população indígena, da ligação com a escravidão e do papel da religião, só para colocar algumas questões.

Fenômenos peculiares que contribuíram para criação de problemáticas e, por consequência, de respostas diferentes entre os dois lados do oceano mesmo na formação e no desenvolvimento dos movimentos da nova direita. Por outro lado, ao considerar o contexto europeu, não podemos esquecer os efeitos da Primeira Guerra Mundial que, conforme com Christofer A. Bayly, determinou uma “grande aceleração” na sociedade e que conferiu ao fascismo e ao nazismo, na ideia de Roger Griffin, aquele “senso de um início” que é o centro dos estudos do historiador britânico sobre a relação de parentesco entre modernismo, fascismo e nazismo.

6. [R.C.] Por fim, qual a avaliação de vocês sobre o crescimento de partidos de extrema-direita pelo mundo e sua possível relação com um retorno do fascismo?

Tatiana [T]: Acredito já ter respondido boa parte disso nas perguntas anteriores, mas posso reforçar aqui. Acredito que o crescimento do neofascismo esteja ligado ao processo de crise do paradigma de capitalismo reformado, que nos EUA Tse expressou pelo reformismo Democrata, na Europa pelo Estado de Bem-Estar Social e, em parte da periferia como Estados desenvolvimentistas. Movimentos neofascistas e os grupos de ódio não são um simples subproduto desse desmonte, porém fascismo e o ódio se proliferam de modo espetacular, arrematando suas fileiras com os precarizados e desesperançados setores subordinados a partir dessa crise e do aprofundamento das políticas de austeridade neoliberais. Vejo o fascismo hoje como filho do liberalismo, mais que filho da crise do liberalismos como no passado. É alimentado em alguma medida pelo neoliberalismo para se contrapor às reações ao desmonte do conjunto de avanços sociais conquistados no pós-guerra e implementados pelas diversas experiências de reformismo político e regulação econômica, observados durante os 30 anos gloriosos do capitalismo. Assim podemos entender as críticas do neofascismo ao multiculturalismo, às políticas públicas de inclusão, até mesmo à assistência social. O neofascismo entende o intervencionismo do Estado, esse Estado paternalista, leniente e concessor de privilégios às minorias como expressão de degeneração da civilização ocidental. Há três pautas que se conjugam no neofascismo: críticas econômicas tipicamente liberais contra um Estado inchado, ineficiente, atolado em dívidas com “gastos sociais”; críticas de caráter moral e comportamental contra às conquistas de minorias e grupos subalternos; e críticas à legitimidade da democracia, suas instituições públicas e privadas (imprensa, ONGs, sindicatos e associações) e da política enquanto instrumento capaz de resolver conflitos e diferenças através negociação e do diálogo. Assim como no passado o problema do fascismo não se resume a manifestação política de preconceitos históricos, à faltado informação ou educação de um povo. O ódio tem raízes sociais mais profundas, que remontam às contradições e limites do capitalismo, em nossa conjuntura atual revela a incapacidade do neoliberalismo de garantir condições de vida satisfatórias à população e canais democráticos adequados para a expressão de demandas e descontentamentos dos diversos setores sociais.

Fulvia [F]: Olhando o universo das novas extremas-direitas a sensação é de profunda confusão em diversos níveis. Seja no prisma da estabilização política das mesmas, no sentido da normalização e da afirmação eleitoral, seja na tentativa de definir vários aspectos como a herança histórica e a estirpe genealógica (podemos pensar nas contínuas e contraditórias referências à ditadura do 1964 por parte de vários núcleos internos ao bolsonarismo), ou o húmus social e base eleitoral de referência das mesmas. E, ainda, existe uma dificuldade em estabelecer a real consciência política do eleitorado no momento de votar na direita em um contexto onde esse último se demonstra volátil e insuficientemente preparado em assuntos histórico-políticos. Em linha geral, a minha ideia é que, em um mundo de superficialidade política, os partidos de extrema-direita conseguiram despertar no jogo do sistema partidário uma série de emoções e de representações que incarnam os medos da população e que sussurram para a parte mais instintiva do ser humano levantando sentimentos como o eterno anseio para a segurança individual e coletiva, a inveja social e a raiva política de que se sente traído dos próprios governantes. Para tentar compreender esse fenômeno, que não se inscreve nos meus temas de pesquisa e não é nada mais que um interesse que uma historiadora deve ter na compreensão da própria época e dos fenômenos que estão acontecendo ao seu redor, aconselho a leitura dos trabalhos do politólogo italiano Piero Ignazi que são uma ótima ferramenta para nos orientar no universo multifacetado da novas extremas-direitas.

Entrevista concedida, por Fúvia Zega, em 07/05/2020

Entrevista concedida, por Tatiana Poggi, em 14/04/2020